



**Alma**

**Nova**

N.º 1



Ami A

Ami A

DIRECTOR-FUNDADOR:  
MATEUS MORENO  
REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS  
263-R. ESCOLA POLITECNICA-267-LISBOA  
TELEFONE NORTE



DIRECTOR-LITERÁRIO  
EMILIO SALGUEIRO  
EDITOR E ADMINISTRADOR: M. B. CARMONA,  
SECRETARIO: JOÃO FARMHOUSE  
PROPRIEDADE DA EMPRESA "ALMA NOVA"

# ALMA NOVA

REVISTA QUINZENAL DE RESSURGIMENTO, VIDA MODERNA E CULTURA

NUM. 1

LISBOA, 15 DE MARÇO DE 1926

IV SERIE

CONTINUANDO

## AS NOSSAS "MADRINHAS"

UMA LINDA E PATRIÓTICA INICIATIVA

FOI anunciado, no último número da série finda, que esta revista passaria a denominar-se, "Ilustração Latina", desde 1 do corrente.

Assim não sucedeu, porém; os directores da referida Ilustração reconheceram a tempo que o antigo programa da "Alma Nova", representado por Mateus Moreno, e o do latinismo e intercambio luso-brasileiro, para a mesma trazido por Alcantara Carreira, eram excessivos para uma só publicação, e acordaram em separá-los.

A "Alma Nova" e a "Ilustração Latina" passam, pois, a constituir duas publicações distintas, livres de quaisquer compromissos morais ou materiais, tendo-se organizado, para continuar a primeira, uma Empresa de que faz parte o seu fundador, ficando com a segunda, que só aparecerá quando os respectivos directores o julgarem oportuno, os srs. Alcantara Carreira e José Afra.



Na grande e patriótica cruzada de Modernismo e Beleza que a "Alma Nova" hoje recomença, com o patrocínio espiritual dalguns dos maiores vultos do nosso meio intelectual e artístico, ela não poderá dispensar o valiosíssimo concurso, sempre tão generoso da mulher portuguesa.

Instituir para isso um núcleo de "Madrinhas", em todo o país, que sejam, por assim dizer, as suas "padroeiras", afigurou-se-nos, pois, ideia inadiável. Cada "Madrinha" escolherá as duas "Afilhadas", que consigo e o representante local da "Alma Nova" constituirão a "Comissão permanente de Acção Intelectual e de Beneficência".

Em Lisboa já aceitou gentilmente o convite a ilustre escritora D. Maria Magdalena Martel Patricio, cujo retrato e dedicatória ilustram esta página; no Porto, a nossa devotada amiga D.<sup>ta</sup> Branca Lopes Martins.

*Para a Alma Nova, que  
eu desejo seja o symbolo  
de uma nova alma  
de Portugal*

*Maria Magdalena*



## A Q U I N Z E N A

**R**AFANEL BORDALO, por sugestão, de-certo, de um dos seus colaboradores habituais, adoptara esta fórmula feliz, da natureza e do homem, em Portugal: "Céu azul, riso amarelo...".

Céu azul... E' a certeza, mesmo depois dos ásperos invernos nas nossas casas desconfortáveis, de semanas límpidas, sem névoas, um ar morno e cálido, eflúvios de primavera nos últimos arrepios de Fevereiro, o abotoar das primeiras rosas nos prenúncios de Março, o convite perpétuo a uma vida de "lazzaroni", nas ruas de Lisboa e nos cáis do Tejo, o eterno aflorar dos devaneios da preguiça, no ocioso rico e no madraço pobre, tão semelhantes aos seus calaceiros irmãos de Málaga, Marselha, Nápoles, Atenas e Porto Pireu.

Sob a cúpula azul, o riso amarelo. — Riem amarelo os burlões e os burlados, do humilde "conto do vigário" aos milhões falsos de Alves dos Reis; do contribuinte ao legislador que lhe impõe a contribuição; do homem de letras que publica o livro, ao leitor que lho compra; do artista que expõe o quadro, ao amator que lho paga; do merceeiro que impinge o bacalhau milenário como um farão, ao consumidor que o roe com azeite e batatas; do alfaiate que se desentranha em simiescas imitações dos "boulevards", ao cidadão ingénuo que enverga o fato novo; do palácio, á oficina, ao lar, ao casebre. Ri amarelo o político, o capitalista, o burguês, o operário, a proxeneta, a horizontal, o môço de esquina, o namorado, o ladrão, o roubado, — todos, todos, transformaram o riso num rictus de amargura, que lembra um arreganhar hidrófobo ou um ante-gôsto de caveira descarnada.

Ah! o homem, em toda a parte, mas sobretudo em Portugal, não é feliz. E' quase tão desgraçado como as bestas de carga que sobem, com carroçadas esmagadoras, a rua do Alecrim ou a calçada dos Cavaleiros. Foi ou é ludibriado pelo seu semelhante. E, quando ludibria, tem já a certeza de que, no dia seguinte, lhe caberá a vez de contra êle se voltar o feitiço. Por isso o homem se refugia no passado. Desiste da felicidade terrena, imediata, e injuria-se, esmura-se mesmo, não já pelo pão cotidiano, por um ôso ou por sua dama, mas — por S. Vicente ou pelo Infante Santo. Troca os interesses e os ideais do seu século, pela indumentária, pelos delicados e bolorentos indícios e vestígios do século XV. Outras vezes, como sucedeu num congresso recente, em que se cruzavam o acenar dos lenços, com o hierático simbolismo da heráldica de S. Francisco, pede para os burros a isenção de impostos, numa abnegação sublime de contribuinte sobrecarregado de onzenas.

Aliviar os burros, suprema obra de caridade, num país em que o ensino oficial ainda mais os embrutece. Se caminhâmos para o sufrágio universal, e se tantos mortos e tantos asnos já hoje votam, porque não iremos ampliando o sufrágio, permitindo que os jumentos acudam, cada vez mais, em massa compacta, a ornear junto das urnas? Essa onda fresca de eleitores inexperientes e sinceros não seria uma ténue esperança de melhoria para a representação parlamentar? ...

CAMARA REYS.

**E**NTRAM desde hoje para o quadro redactorial desta revista, o Dr. Emilio Salgueiro, advogado e ex-redactor de "A Republica"; o Dr. Luís de Oliveira Guimarães, escritor, jornalista e dramaturgo, bem conhecido e estimado no nosso meio literário; o sr. João Farmhouse, bibliotecário da Sociedade de Geografia de Lisboa; o Dr. Veloso de Araujo, engenheiro, escritor camilista e acérrimo defensor dos interesses do Norte; José Dias Sancho, um dos maiores valores novos das letras algarvias, e M. Barreto Carmona (editor e administrador), um espírito moço e audacioso, acostumado a ver triunfar sempre qualquer empresa a que ligue o seu nome.

Várias secções novas já foram, além disso, entregues neste número, e outras vão sê-lo ainda, a alguns cultos elementos femininos da nossa melhor sociedade. Com elas uma nova rajada de elegância e vida moderna virá animar estas páginas.

SaavedraMachado o querido e excelente artista, que uma amizade de quasi dez anos liga á "Alma Nova", não podendo, por motivos de saude e de occupaões profissionais, acompanhá-la na fase actual com o aturado esforço que ela reclama, ficará, no entanto, seu redactor artístico.

Mantem, igualmente, as suas secções todos os nossos velhos amigos e colaboradores: Dr. José Guerreiro Murta, Architecto Jorge Segurado, Dr. M. Gomes dos Santos, Rebelo de Be tencourt, capitão José Brandão, Dr. Nuno Cruz, Dr. M. Pereira da Silva, Dr. Cláudio Bastos, Dr. Ascensão Mendonça, Luiz Chaves, etc.

**E**NTRE os múltiplos projectos da nova fase da "Alma Nova", há um que deve calar bem fundo nos corações femininos:—a organização de "Festas de Arte", com fins de beneficência, em todo o país.

Além disso, vamos abrir também, brevemente, concursos de arte e literários, e realizar conferências, exposições, sessões de homenagem, etc.

**N**ÃO são apenas as empresas *más* e os *maus* actores que fazem o *mau teatro*; a indolência ou excesso de tolerância do público, perante uns e outros, não contribuem menos para isso.

A "Liga dos Freqüentadores de Teatro", em organização, e a que presidirá o espírito sempre moço e combativo de Gualdino Gomes, propõe-se dar luta sem tréguas a tudo quanto não seja, inofismavelmente, *teatro*.

**O** ETERNO pleito entre o Município e as Companhias Reunidas de Gaz e Electricidade, é a coisa mais divertida e picaresca que nestes últimos tempos tem aparecido a despertar a curiosidade alfacinha.

Aconselha a Câmara:

— Resistir, resistir sempre com energia... Nem mais um centavo pelo aluguer dos contadores!...

E', porém, a ocasião de perguntar aos srs. Eds:

— Quantos de V. Ex.<sup>as</sup> já cumpriram aquilo que aconselham ao público consumidor?...

# OS PAINÉIS DE SÃO VICENTE

A Z U A O . A . P . S O W A



PAINEL DO INFANTE

**T**OMOU o aspecto duma verdadeira questão nacional, o debate ultimamente desenvolvido em volta destes painéis, para a identificação das figuras neles representadas. Estremaram-se as opiniões dos críticos em duas frentes aguerrias,— a dos *Saravistas*, que dizem ser o *Infante Santo* a figura central dos ditos painéis, e a dos *Figueiristas*, que apontam a mesma figura como sendo «*São Vicente*»—o padroeiro de Lisboa.

‘Já muitos anos antes—escreve em abono d’este ultimo asserto o dr. Afonso Lopes Vieira— navegando com



PAINEL DO ARCEBISPO

rumo a Ceuta, D. João I e os seus, ao dobrarem o Cabo de S. Vicente, mandaram «mesurar» as velas de todos os navios, «em sinal de reverencia». O São Vicente adorado nestes

painéis significa, pois, a Tradição e a legenda piedosa da Pátria».

A formosura de feições da figura central tem ainda suscitado dúvidas da parte de outros identificadores, ácerca do seu sexo, opinando os srs. Alfredo Leal e Henrique Loureiro que o que ali está é uma mulher e não um homem, e que essa mulher deve ser *Santa Catarina*.

Há também neste esgrimir de hipóteses, quem negue a Nuno Gonçalves

a autoria do glorioso políptico; mas seja como fôr, o que é evidente é que está ali uma obra prima da arte primitiva, um documento vivo duma das épocas mais gloriosas da

nossa historia, e que todas as figuras nele representadas são, como muito bem diz o sr. Lopes Vieira, “Avós que nos encham de orgulho e nos concedem ainda um pouco da sua calma contida e fremente; belos Antepassados que nos olham de certo com tristeza, mas também com alguma daquella esperança heroica com que pela Pátria, sofreram e amaram”.

M. M.



PAINEL DOS PESCADORES



PAINEL DOS CAVALEIROS



PAINEL DOS FRADES



PAINEL DA RELIQUIA

# O PROBLEMA DAS COLONIAS A NOSSA CAUSA

**A** SÉRIE de conquistas e descobrimentos dos portugueses teve, desde a tomada de Ceuta, crêmo-lo bem, um objectivo mercantil. «Ceuta, diz o sr. Jaime Cortesão, à qual ia seguir-se tão breve a ocupação e tentativa de conquista dos arquipélagos atlânticos, era o primeiro passo na política de monopólio mercantil, de *mare clausum*, genialmente iniciada pelo Infante D. Henrique e que havia de, no futuro, assegurar-nos o caminho marítimo da Índia», (1) que tornaria Lisboa, mais tarde, o mercado distribuidor dos ricos produtos do Oriente.

Não foi, pois, o espírito de aventura, servindo o capricho dos príncipes, que guiou as naus lusitanas pelos caminhos perdidos do mar em fóra. Não foi o espírito guerreiro que as levou à descoberta de novos mundos, sem uma fórmula, sem um plano preconcebido; foi um intuitivo espírito colonizador de que outros povos se aproveitaram, pouco depois, curvado ao peso da desdita de Alcácer-Quibir—êsse sonho infantil — o povo português! E, dado o intuito, era de paz a bandeira hasteada pelo navegador dêsse tempo a que Stephens chama «o periodo heroico de Portugal». (2)

Em remotas eras, Roma destruiu Cartago e a Coríntia, com o fim de aniquilar essas rivais marítimas e comerciais, e fundava Narbona, para arruinar a colonização fenícia e grega de Marselha.

Portugal iniciava a moderna colonização de forma bem diferente. E, todavia, mais tarde, a história da colonização da América do Norte, do Canadá, da Austrália, da Nova Caledónia, manchava-a uma série de *récits dont la sauvagerie dépasse tout ce que l'imagination peut concevoir*. (3)

Na história colonizadora de Portugal não há páginas que narrem a destruição de raças. No começo, Afonso de Albuquerque,—que foi *o maior dos heroes portugueses que serviram na India, e deve a sua fama, não só aos seus feitos d'armas, muitos e gloriosos, como foram, mas também á sabedoria e justiça da sua administração civil*, diz Stephens,—deixou memoria tão venerada *que os lúndus, e até os moiros, costumavam acudir ao seu tumulo, e ahí expôr os seus agravos como se estivessem diante do seu vulto pedúdo a Deus que os livrasse da tirania dos seus successores*. (4)

E se depois do seu governo houve quem, exercendo qualquer autoridade, a explorasse em beneficio próprio, também o fizeram os empregados civis da administração inglesa, no século XVIII. (5)

Posta assim a ideia propulsora das descobertas e da colonização dos portugueses, cujo símbolo era a Cruz de Cristo, não são hipóteses para admitir nem a do domínio pela escravidão, nem a incapacidade de colonizadores que, após séculos de posse, lhes estão sendo atribuídas. (6)

Contra essa atoarda vinda lá de fóra, que a imprensa insistentemente tem referido, ergueu-se um justíssimo clamor a que a Sociedade de Geografia não ficou indiferente e, com os patrióticos intuitos que sempre a têm guiado, lançou o manifesto que os jornais publicaram e promoveu assembleias dos mais distintos coloniais, a fim de estudarem e traçarem o caminho a seguir para a execução imediata de um certo número de medidas a tomar. Não sabemos, concretamente, quais serão as resoluções da douta assembleia, mas ocorre-nos dizer que são tão variados os aspectos sobre que têm incidido os estudos coloniais — e, é notavel, na sua maior parte, sob a égide da mesma colectividade — e é tão vasta a bibliografia colonial portuguesa, que, crêmos,

nada ter escapado aos estudiosos, parecendo-nos até difficil que, dos trabalhos de agora alguma coisa nova surja. Desde o primeiro Congresso Colonial, em 1901, até ao segundo Congresso da mesma índole, em 1914, neste espaço de tempo — não querendo recuar mais — o que se tem publicado em Portugal, sobre colonias, santo Deus! Ou serão barbaridades todos os escritos feitos? Não estará tudo dito? Foram já postas em prática todas as aspirações, todos os votos, dêsses Congressos? Não será tempo de entrar num periodo de realizações práticas? Urge fazê-lo. E isto mesmo, crêmo-lo firmamente, pensam-no e sentem-no muitos dos mais categorizados membros dessa assembleia.

Sabemos que, no espaço e no tempo, as condições podem mudar, forçando a encarar um problema de forma diversa e a proceder também diferentemente; mas as fórmulas tradicionais da colonização experimentada de índole portuguesa estão demasiado comprovadas para passarmos a regimes de experiência, cujas consequências não se podem muitas vezes prevêr. Os povos vivem, em grande parte, de tradições; e as nossas tradições colonizadoras têm servido de modêlo aos que chegaram muito mais tarde do que nós.

Não queremos dizer com isto que fiquemos extranhos aos ensinamentos da experiência... dos outros; mas reservemo-nos contra as inovações ideológicas que, até entre os civilizados... têm forçado a arripiar caminho.

Pró-colonias é necessaria uma intensa propaganda, urgente, na escola, no templo, no quartel, no teatro, no animatógrafo, no café, na rua, por toda a parte e por todas as fórmulas: a lição, o sermão, a conferência, o discurso, o cartaz, a folha avulsa, o jornal, o animatógrafo, a projecção anunciadora, a telegrafia sem fios, tudo,—com o objectivo de chamar para as suas riquezas inexploradas a atenção dos capitais e de crear uma forte opinião em que os governos se possam firmar para agir em favôr delas.

Uma pequena nota a intervalar já aqui: fala-se em um novo regime de tabacos; ainda não lêmos na imprensa qualquer periodo que se refira á protecção que, na fórmula tutura, garanta, sequer, a contribuição que, ao tabaco do nosso ultramar, deve pagar o consumo do mesmo na metrópole.

Também se tem falado muito na necessidade de drenar a corrente emigratória do Brasil para Angola, como se ali faltasse mão d'obra. E' necessario lembrar que diferem muito as condições em que o emigrante pode ir para a América de Sul e aquelas em que o colono deve ir para as colónias portuguesas. Outrotanto podemos dizer das condições em que se encontra aquela país e as nossas colónias, para o acolherem.

E, por que a proposito vem, ocorreria perguntar, a quem de direito, que notícias nos daria dos poveiros, cujo rasgo de patriotismo, de preferirem abandonar o Brasil a tornarem-se cidadãos brasileiros, foi, politicamente, tão explorado?

João Farmhouse

(1) A Tomodo e Ocupação de Ceuto, 1925—p. 28.

(2) Historio de Portugal, trad. Silvo Bostos, cor. e prefaciada por Oliv. Martins—1893, p. 137.

(3) Lanessan—*Princ. de calan.*, Paris, Alcon. 1897—p. 24.

(4) Hunter—*Imperial Gazetteer of India*, vol. VI—p. 360.

(5) Stephens—*Op. cit.*—p. 177.

(6) O sr. Ernesto de Vosconcelos publicou, no numero de Janeiro último, do *Bol. da Agencia Ger. das Col.*, um artigo cujo significado confirmo o que escrevemos.

I  
G. G.

**N**ÃO o conhecem? É ele. Uma barbicha de fauno—e um sorriso de sátiro. Certo todas as tardes no Chiado, com o seu monóculo irreverente preso a uma fita de seda preta, e um chapelinho negro de copa achatada, cumprimentando para a direita e para a esquerda, em largos gestos—como Julio Cesar Machado. Sabe a vida de *tout le monde et son père*. Não é apenas um excelente cavaqueador; é uma maquina admiravel de contar anedoctas. Tem um fraco: o café. Tem um forte: não querer ser deputado. Sendo um dos poucos sobreviventes de uma geração gloriosa realiza o prodigio de ser o mais velho de todos os novos—sem deixar de ser o mais novo de todos os velhos...



L. O. G.

Entre a Biblioteca e a Brasileira do Chiado, o seu espirito conserva-se sempre quente...  
(Des. de Alfredo Candido)

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO  
OS FENOMENOS DE 1927



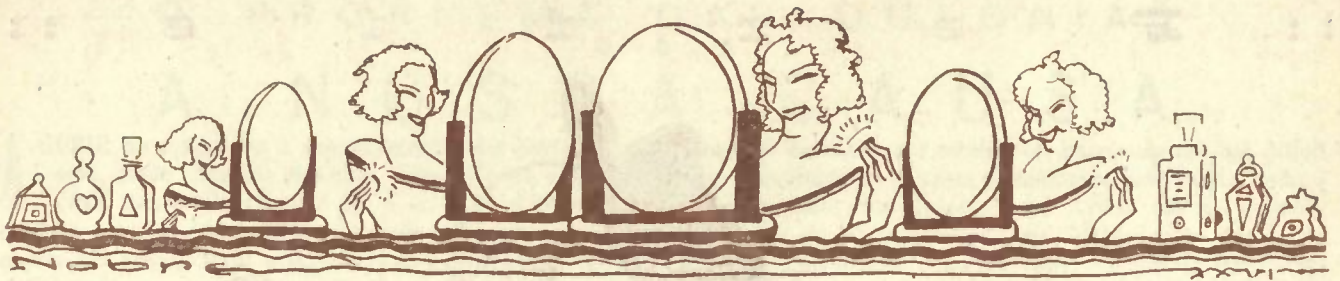
I - De tanto ir de pé no elevador

II - De tanto formar bicha

III - De tanto ir ao «cine»

IV - De tanto buscar casa

(Do Lustige Blätter - Berlin)



VIDA ELEGANTE

## A MORAL MODERNA

*Chá elegante no Avenida Palace. 6 horas. A um canto do salão Maria José e Antonio conversam animadamente, criticando uns e outros, enquanto um destrambelhado, um selvático jazz-band assassina um tango moderno.*

ANTONIO — Olha Zeca, já viste como vem interessante a Maria Clara?

MARIA JOSÉ — Sim, aquele vestido fica-lhe bem. Mas, coitada! quando perderá ela aqueles modos provincianos?

ANTONIO — Provincianos, porquê?

MARIA JOSÉ — Se preferes direi antes — século dez-anove.

ANTONIO — Continuo a não perceber...

MARIA JOSÉ — Pobresinho! Que pena tenho de ti!... Então explico melhor...

ANTONIO — Não é preciso, Zeca, já sei onde queres chegar: A Maria Clara é... muito antiga, não é?

MARIA JOSÉ — Antiga?... Arcaica...

ANTONIO — Mas vês? Não estou de acordo... Não acho que ela esteja tão fóra deste século como tu dizes... Faz sport, embora não fume é tolerante para as que fumam, usa saia curta, dança o fox-trot e o tango... Só se é por não ter o cabelo cortado!...

MARIA JOSÉ — Isso e outras coisas mais... (Irónica) Por exemplo: Apesar de nunca ter falado com "Sua Excelencia" sobre este assunto, eu juro e torno a jurar que a menina está anciosa por encontrar o seu "ideal" incarnado num ser humano seductor e belo, para se unir a êle pelos "sagrados laços do himeneu"...

Oh, que vida feliz! Oh, alegrias do lar!...

Que dizes, Tonito, falei bem?

ANTONIO — Zeca, tem juizo!... E' naturalissimo que a Maria Clara queira casar. E' mulher, precisa de quem a defenda, quem a guie, quem a ampare...

MARIA JOSÉ — Ora, Tonito, isso está já "démodée". Hoje a mulher não precisa de casar para ser feliz... O defensor dela é o revólver, o amparo a sua profissão, e o guia... a sua cabeça...

ANTONIO — Cabeça?! Isso é muito bom de dizer. O pior é que vocês com o cabelo cortado quasi não teem cabeça...

MARIA JOSÉ — Perdão. Agora é que estás enganado...

Não a tinhamos com o cabelo comprido, têmo-la hoje. O cabelo comprido é o simbolo da nossa escravidão de séculos. A mulher levou realmente muito tempo a conquistar a sua independencia. Mas conseguiu-o e agora é absolutamente independente...

ANTONIO — Bravo! E's uma esplendida advogada da mulher moderna... E como eu não tenho argumentos para te contraditar, peço-te, por favor, que passemos a falar sobre outro assunto, sim?

MARIA JOSÉ (contrariada) — Como quizeres...

(Pausa)

ANTONIO — Vais amanhã ao chá dançante do Tavares?

MARIA JOSÉ — Não. Vê lá tu. Estou muito aborrecida. O meu irmão vai passar o dia com uns amigos no Estoril. E sósinha, é claro que o meu pai não me deixava ir...

ANTONIO — Ora essa? E porquê? Tens o cabelo cortado, estás absolutamente independente...

Mostra ao teu pai a carta de alforria... e marcha para o Tavares...

*Leonor de Campos.*

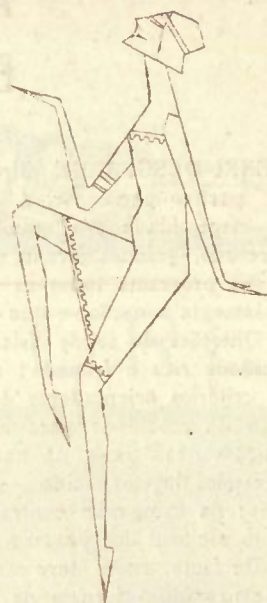
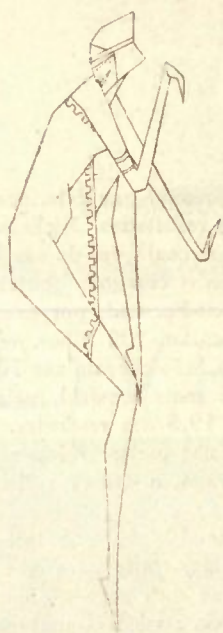
### A MODA



*A próxima temporada caracterisar-se-há pelo predomínio das sedas de ramagens exóticas e dos crepes floridos sobre fundos brancos, de cores variegadas e muito frescos. Também dominarão os tecidos de desenhos geométricos, como vão indicados nos modelos acima. Quasi todos os vestidos adotarão plissados. Chamamos a atenção das nossas leitoras para esta secção, no próximo numero, que hoje não pode ser mais desenvolvida por falta de espaço.*

# A ELEVADA BASE DA CONDUZIDA MORAL REQUINTE DE ARTE COREOGRAFICA

(VINHETAS DE ANGELES ESPANCA)



M.<sup>lle</sup> Mona Paíva, dançando completamente nua, ante as ruínas de Atenas

NA parte mais elevada das cidades da antiga Grécia, havia uma espécie de cidadela — a Acrópole — onde se encontravam os templos, os tribunais, o tesouro, os arquivos, etc.

Destas Acrópoles, uma das mais célebres, senão a mais famosa, foi a de Atenas, esplendorosa pelas suas magnificências, construída em parte por ordem de Pericles.

No mais alto da Acrópole ateniense erguia-se o *Parthenon*, templo riquíssimo de Minerva, encimado pela estátua da deusa, em ouro e marfim, obra prima de Phídias.

O *Parthenon* constava de duas partes: a maior, o *santuário*, abria sobre o oriente, e a menor, o *episthodomio*, servia para encerrar os objectos preciosos.

Por estes tempos existia em Atenas uma mulher de extraordinária beleza, a célebre Phrynêa, que de guardadora de rebanhos passou a cortezã de luxo, vendendo a peso d'ouro o seu amor e os seus encantos. As suas formas divinas inspiraram poetas e artistas. Praxiteles, que a teve por amante, architectou no seu maravilhoso corpo — dizem — a célebre *Venus de Medicis*. O pintor Apele, vendo-a um dia sair do banho, nas festas de Neptuno, tomou-se de tal inspiração perante tamanhos encantos, que a teve por modelo na sua *Venus anadyomene* (Venus saindo da água).

Vendendo-se cara, esta prodigiosa mulher tornou-se fabulosamente rica, a ponto de, destruída Atenas por Alexandre, se propôr reedificá-la, do seu bôlso, sob a única condição de perpetuarem em monumento tal generosidade com a simples inscrição: «Alexandre a destruiu, Phrynêa a reedificou» —, esta mulher foi um dia acusada de impiedade e levada perante o tribunal dos *heliastas*. O seu advogado, Hyperide, vendo-a irremediavelmente perdida, teve

um rasgo audacioso, que ficou célebre e lhe valeu a absolvição: no mais inflamado do seu discurso puxou pelos vestidos da cortezã, que ficou irreverentemente nua ante os olhos

púdicos dos *heliastas*. Estes, tomados de religioso espanto, perante tão divinas formas, que inspiraram pintores e escultores, acreditaram que tamanha beleza só podia ser filha dos deuses e não só perdoaram a Phrynêa como também proibiram que alguém lhe tocasse.

\*

Há bem pouco tempo, depois duma *tournee* pelas principais cidades da Grécia e duma série de espetáculos em Atenas, em que dançou, magistralmente, Weber, Chopin, Shumman, etc., Mademoiselle Mona Paíva, primeira dançarina da Opera-Cômica de Paris, teve a feliz ideia de, perante um grupo escolhido e reduzido de admiradores da sua arte e dos seus encantos, dançar nas ruínas do Parthenon, na célebre Acrópole da capital da Grécia. Cobrindo o seu corpo gracioso com um diáfano véu, interpretou no *Santuário* danças classicas com arrebatadora arte. Alargando os seus passos entre as vetustas colunas de mármore e chegando ao *Episthodomio* — o local que servia para encerrar os objectos preciosos — despojou-se das ténues gases e completamente nua, sob um céu rutilante, conti-

nuou dançando, perante a assistência religiosamente extasiada, que tomou a sua nudez — aquela nudez que tanto nos ofende — por visão sobrenatural. M.<sup>lle</sup> Mona Paíva quiz mostrar de novo àqueles seculares mármores o corpo despido duma mulher, quiz reviver perante os seus *heliastas* admiradores a scena de Phrynêa.



A Acrópole de Atenas, reconstituída

Afonso do Paço.

# A EDUCAÇÃO FÍSICA BASE DA CONDUTA MORAL

**H**ENRI DESGRANGE, director do conhecido diário desportivo parisiense, *L'Auto*, proclamava outro dia a necessidade dos grandes jornais de desporto serem, sobretudo, grandes jornais de educação social, inscrevendo no seu programa todos os problemas que interessam profundamente a nação, e que se ligam com o seu futuro.

Questões de saúde física, intelectual e moral; da maternidade rica e fecunda; da educação da criança dentro dos critérios orientadores dos grandes mestres; da preparação da mocidade para a defeza do país; de todas as questões de hygiene, da habitação salubre, da luta contra os grandes flagelos sociais,—o alcoolismo, a tuberculose e a sífilis; da campanha contra a pornografia; do estabelecimento racional dos programas escolares, etc., etc.

De facto, assim deve ser.

Os grandes jornais de desporto, realizam incompletamente a sua missão, quando se limitam ao *compte rendu* das provas, tratando apenas dos resultados técnicos desta corrida, daquele desafio de *football*, ou daquele outro *match* de natação.

A nossa grande preocupação deve ser a utilidade higiénica da educação física e o estudo de todos os problemas que com ela mantem estreitas relações.

Para nós, especialmente, o estudo do problema da educação física deve merecer-nos um interesse especial, porque sendo a crise nacional uma crise de educação, como tal a temos de resolver. E dentro do problema da educação geral, está absolutamente integrada a causa da educação física, que é a base de toda a educação. «A vida física é o fundamento da vida intelectual. A saúde, o vigor do corpo, é necessário, para que a cultura intelectual se torne uma vantagem, no combate da vida».

Se a medicina e a cirurgia são obras de utilidade, porque são obras de *reparação*, o estudo do desenvolvimento orgânico, o estudo da educação física, tem uma utilidade manifesta como obra de *preservação*.

\* \* \*

Um problema social que preocupa seriamente alguns países é o da despolação.

E' pavorosa nalguns pontos a crise de natalidade. Sendo a população uma das grandes riquezas dum povo, pôde afirmar-se que nos países que vivem em regimen deficitário, está em perigo a fortuna nacional.

Justificam-se por isso as doutrinas dos propagandistas e os votos emitidos pelos Congressos da especialidade, no sentido de se melhorarem as condições físicas da raça.

O grande industrial francês *Michelin*, pondo de lado os lugares comuns dos intellectuais, decidiu-se a demonstrar que a crise da natalidade se resolve pura e simplesmente com dinheiro.

Aos chefes de família do seu pessoal, paga *Michelin* os seguintes prémios:

Por 1 criança,	75 francos por mês, ou sejam,	900 fr. por ano
» 2	150	1800
» 3	300	3600
» 4	400	4800
.....	.....	.....
» 8	800	9600

No caso de vir a morrer o chefe de família, as crianças continuam a receber até que tenham completado 16 anos.

E para demonstrar que este prémio, que é este incentivo á procriação, tem dado excelentes resultados, *Michelin* elaborou estatísticas que lhe dão a percentagem de nascimentos por 1000 habitantes nas diversas comunas que circundam as suas fábricas. Em Clermont-Ferrand, por exemplo, enquanto os seus operários apresentam 100 filhos, os outros que não são seus empregados, não chegam aos 70.

Em Couronn, essa diferença é mais sensível, pois para 100 de uns, aparecem apenas 19,8 dos restantes.

*L'Auto*, donde extraímos estas notas, refere-se elogiosamente a esta iniciativa privada, e dedica a *Michelin* as seguintes palavras:

«Um industrial que dirige hoje 10, 15, 25 mil operários, não tem o direito de se julgar quite para com eles e para com a sua pátria, só porque lhes paga as horas de trabalho. Deve fazê-los respirar uma atmosfera conveniente, obrigando-os a ser aceiados; não pôde desinteressar-se das suas habitações, da sua hygiene, da sua alimentação, das suas distracções, da sua saúde, e por consequencia, dos seus desportos.

Não comprehende bem o seu papel, se vê apenas neles material humano.

E, tentando faze-los mais felizes, não serve apenas honestamente os interesses da sua Pátria, mas os seus próprios interesses, porque o operário produzirá tanto mais, quanto mais bem estar e mais auxilios receber do seu patrão.

*Michelin* é, incontestavelmente, de todos os industriais franceses, o que mais se tem preocupado com estas questões de assistência social, e é, talvez, também por isso, o mais próspero desses industriais».

E o director de *L'Auto* lembra depois os generosos auxilios de *Michelin*, os socorros distribuidos durante a guerra a todos os mobilizados, e aplaude, como desportista e como sociólogo, a fundação da admirável Associação Desportiva de Montferrand,



TENENTE RIBEIRO DOS REIS  
NOSSO REDACTOR DESPORTIVO

que visa a conseguir, para a grande massa operária, uma boa saúde física, criando ao mesmo tempo os hábitos duma boa conduta moral.

O exemplo merece ser citado e por isso o focámos nesta página da «Alma Nova».

*Ribeiro dos Reis.*



# LIVROS E AUTORES



DR. JOSÉ GUERREIRO MURTA

COMO SE APRENDE  
A REDIGIR

POR

JOSÉ GUERREIRO  
MURTA

EDIÇÃO DO AUTOR  
COLECCÃO  
DA  
BIBLIOTECA DA  
"ALMA NOVA"  
LISBOA

...

DEUS PAN

CONTOS RUSTICOS  
E PAISAGENS

POR

JOSÉ DIAS SANCHO

EDIÇÃO DA  
"RENASCENÇA  
PORTUGUESA"

PORTO



JOSÉ DIAS SANCHO

Dr. José Guerreiro Murta, reitor do liceu de Bocage, e José Dias Sancho, quintanista de Direito na Universidade de Lisboa, são hoje duas das mais relevantes figuras literárias do Algarve.

Guerreiro Murta acaba de conquistar com o seu 3.º livro, que intitulou "Como se aprende a redigir", o melhor êxito de livraria da corrente temporada; Dias Sancho, com o seu "Deus Pan", há pouco também saído dos prelos da "Renascença Portuguesa", conquistou igualmente os maiores aplausos da crítica e do público que lê.

Temos acompanhado, desde os seus primeiros escritos, a evolução destes dois excelentes trabalhadores das letras e orgulhamo-nos de ter visto confirmados todos os vaticínios que de há muito sobre ambos temos expellido.

O livro anterior de Guerreiro Murta, "—A Educação Moral pelos Exercícios de Redacção"— não mereceu apenas da crítica da imprensa as mais louváveis referencias, as

próprias entidades oficiais sobre êle se pronunciaram no "Diario do Governo". "Como se aprende a redigir", livro não apenas para as escolas, como o primeiro, mas para todos os que iniciam a sua carreira nas letras,— «vad-mecum» precioso para o estudante e até ótimo conselheiro do professor.—"Como se aprende a redigir" impõe-se, por sua vez, pela geral utilidade e pelo interesse artístico que encerra. E' que o Dr. José Guerreiro Murta é um escritor de assuntos didáticos, onde a elegância do estilo e a elaboração das ideias se não estiolam ao contacto dos positivismos da sciencia. As suas lições são, assim, duplamente agradáveis.

José Dias Sancho, que fez a sua estreia literária aos 14 anos, com um curioso feixe de poesias, e que depois atravessou várias etapas revolucionárias, como iconoclasta de "Idolos", artista e crítico, tem acalmado os irrequietismos naturais da idade e está produzindo livros que muito o impõem. "Deus-Pan", agora publicado, pertence a essa categoria.—M. M.



EX-LIBRIS DO DR. JOSÉ GUERREIRO MURTA  
(Des. de Samora Barros)

# Como se namora hoje em Portugal

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

(ILUSTRAÇÕES DE LUFREDO MORAES)



**O** NAMORO hoje já não é, em Portugal, como não é no estrangeiro, o namoro discreto, empoadado, untuoso, cujos géstos pediam licença para se vestirem de seda e que tinha

zes, palpar ruidosamente um beijo, a mamã olha, sorri e murmura:

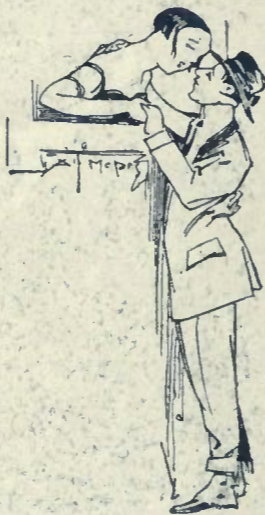
— Parece que senti um passarinho...

Os cinemas e os "dancings" completam a obra patriarcal das mamãs. A penumbra duns e a vertigem dos outros converteram o namoro platónico numa experiência decisiva. Os "fox-trots" e as fitas em séries fizeram do namoro um verdadeiro campo de acção em que elles e elas entram a matar...

— Sabes, Gínia? O Miguel adora-me!

— Como soubeste, Náná?

— Deu-me hontem, num baile, treze beliscões...



Há ainda — louvado Deus — quem namore por amor. Mas para esses mesmos o amor é apenas, como dizia Chanfort, "o contacto de duas epidermes" — e pouco mais. O dinheiro tem o seu logar marcado. É um "fauteuil" de 1.<sup>a</sup> fila.

— Parece que o visconde, Maria Clara, está resolvido a fazer-me a côrte!

— Advinhaste?

— Advinhei. — Perguntou-me ontem qual era a fortuna de meu pai...

X., inglês, gordo, excêntrico e riquíssimo, convidou, M.<sup>lle</sup> Bom-Bocado para uma ceia no Monumental, escrevendo o convite num chéque de dez libras-ouro.

— Não sei o que lhe diga? — perguntou M.<sup>lle</sup> Bom-Bocado a uma Abelha-Mestra.

— Diz-lhe que não tens papel para lhe responder e que te mande algumas folhas iguais á que te enviou...



E M.<sup>lle</sup> Bom-Bocado assim fez. Glória às Abelhas-Mestras!

Uma carta de namoro. Letra inglesa, papel cor de rosa, lacre cinzento.

"Meu amor" — Escrevo-te a correr, porque tenho de estar às três horas na modista e já passa das três e meia.

Temos amanhã um convite para passar a noite fóra... O papá e a mamã vão com certeza, mas eu não vou, a

pretexto de dôres de cabeça, e espero por ti. Não faltes. Se soubesses as coisas que tenho para te dizer! Bom, até amanhã. A's dez horas pouco mais ou menos na janela do costume... Que bom que é morar num rés-do-chão baixinho, não achas?! Prometo não pôr carmim nos beiços para não te sujar a cara, como tu dizes. Até amanhã. Não faltes.

A tua até morrer — "Leonor".

De que falam três raparigas quando se encontram? — De rapazes. De que falam dois rapazes quando se encontram? — Duma rapariga.

No recanto dum baile: Suzette, Guida e Teresa.

— Gosto imenso daquele rapaz de cabelo loiro que ali está. Tu não gostas, Guida?

— Não. Acho muito mais interessante aquele outro de cabelo preto. Repara, Suzette. Tem uns lindos olhos. — E tu, de qual gostas mais, Teresa?

— Eu gosto mais dos dois...

Defronte, os dois rapazes:

— Vocês já viram aquelas duas raparigas que ali estão?

— Já. São muito boas...  
— Eu prefiro a terceira.  
— Também eu — Sabes como se chama?

— Parece-me que é Tereza...

E' o momento de perguntar: "Mas como se arranja um namôro?" Nada mais simples. Por acaso, por coincidência, — ou por fatalidade.

Um rapaz vê pela primeira vez uma rapariga; êle olha; ela sorri; êle segue-a até casa; cinco minutos depois, ela, surge à janela — e, desde então começam a namorar-se. E' o namôro por acaso — o mais vulgar e o mais característico.

Uma rapariga tem visto várias vezes um rapaz; várias vezes teem trocado sorrisos, palavras, flôres; um dia êle diz-lhe: "Gosto muito de si"; ela responde: "também eu..." — e desde então começam a namorar-se. E' o namôro por coincidência, — mais tarde a origem do casamento e da maioria dos desastres conjugaes,

Um rapaz viu uma rapariga; uma rapariga viu um rapaz; não gostaram um do outro; ela era fidalga, mas não tinha dinheiro; êle tinha dinheiro, mas não era fidalgo; os pais sorriem; as mães entendem-se; meninos cálam-se — e desde então começam a namorar-se. E' o namôro por fatalidade.

O "flirt" é a "ultima hora" do amor. Inventou-se para atenuar o namôro. E' a nota rapida, fulgurante, fugitiva sem cartas, sem compromissos, sem pisadelas. O namôro ás vezes é um drama: o "flirt" nunca deixa sêr... dum "lever-de-rideau" — em que se não vê nada...

Eu não sei se todas V. Ex.<sup>as</sup>, minhas senhoras, estão de acôrdo comigo. As que já namoraram estão certamente: as outras, o melhor é começarem a namorar...



## AS GRANDES CASAS DE MODAS

PARIS elegante, Paris frívolo, Paris feminino, é ainda e sempre o Grande Salão de Modas da Europa. As enormes casas de modas e de alfaiataria, que vários grupos financeiros importantes se propõem, segundo se diz,



criar em Londres e Nova-York, com o auxílio dalgumas «premières» parisienses, é opinião do sr. André Laphin que nada influirão no desprestígio da grande capital da Moda. "A essas casas, crê, faltará sempre o ambiente de Paris".

Todavia, 'Le Journal' descreve assim a apresentação das

Modas da Primavera, num grande costureiro dos Campos Elísios:

"Petites tables, abat-jours parmi les fleurs, violons assourdis et parfums étouffés, quatre cents personnes sont tassées devant une estrade disposée en plateau de théâtre, les hommes en smoking, les femmes en evening dress, et une douzaine de grandes jeunes filles, extrêmement minces, extrêmement fardées, vont et viennent en balançant un peu les hanches, comme si elles patinaient, sur le tapis rouge qui descend de la scène dans la salle. On parle anglais".

A assistência é inteiramente americana. Apenas dois jornalistas francêses, "convidados por favor": Maurice de Waleffe, do referido "Le Journal", e um outro, de outro periódico.

Sobre os joelhos de cada assistente abre-se um luxuoso catálogo: "The absolute style. Spring 1926. Under the Kinetic Banner!"

Em 10 páginas, aí se explica em inglês que "se trata de substituir a linha imóvel e rígida dos vestidos de ontem, por uma nova linha esguia e flexível, adaptada à mobilidade perpétua da vida moderna".

"Nous ne sommes pas en France, ici, comenta o jornalista. Nous sommes à Paris, aux Champs-Élysées, c'est-à-dire en territoire occupé, solidement occupé par nos vainqueurs de la dernière guerre, les Américains".

Neste domínio do dollar "à 30 frs." — apesar do monopólio da Moda

pertencer ainda aos grandes costureiros parisienses—o sr. Waleffe vê, de facto, um perigo estético para a grande capital latina, muito semelhante ao que tem experimentado a sua arte culinária, e, como para salvar aquela da ruína total se tem formado em Paris ligas diversas, englobando a Moda na classe das Belas-Artes, lembra também a necessidade da criação dum novo instituto que a detenda: "Une Académie Française des Artes de la Parure".

Esta Academia seria constituída por quarenta membros, nomeados pela primeira vez por decreto ministerial e recrutados, a seguir, por eleição, entre os pintores e os escultores mundanos, chefes das indústrias de arte, actrizes mais cotadas e jovens duquezas "que não hajam nascido em Francfort ou Chicago".

E' provável que não vingue a linda proposta, mas Paris, apesar de tudo, não deixará de ser sempre a pátria da Moda!



Uma das últimas conquistas do feminismo elegante da grande capital, foi a introdução do "Smoking" na moda.

Noticia-a nestes termos "L'Illustration":

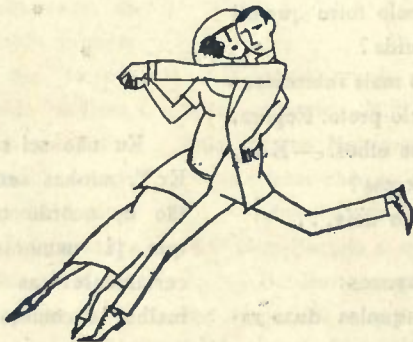
"Un grand tailleur de la Place Vendôme vient de lancer avec le maximum de publicité, c'est-à-dire en convoquant, un peu mystérieusement, à sa présentation quelques rares privilégiées. "Il n'est rien de tel, comenta, que de confier un secret aux femmes..."

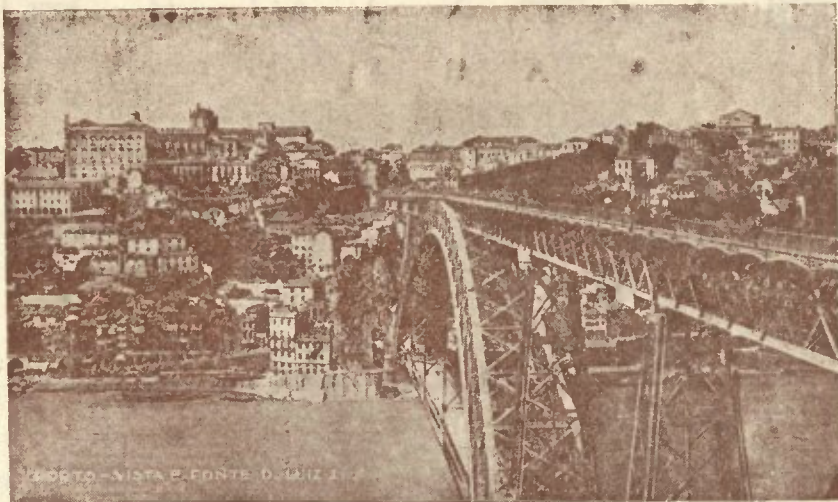
A referida Moda já atingiu a própria côrte de Inglaterra!

M<sup>me</sup>. X...

A "Alma Nova" encarrega-se do fornecimento de todos os figurinos, livros, revistas e novidades parisienses, para o que possui agente idoneo no Boulevard Saint-Michel, 30-Paris (6.º).

As nossas leitoras estarão sempre ao corrente dos últimos caprichos de D. Moda.





# P Á G I N A D O P O R T O

UM rio de plácida corrente, que duas pontes cingem num abraço contra os alcantis da Serra do Pilar, eis o Douro junto do Porto.

De inverno, sob as chuvas persistentes, apraz-lhe também divagar pelo cais e ruas circundantes, transformando-as em canais e ancoradouros, para que jámais se ponha em dúvida que passa ali magestoso o quarto rio das Espanhas.

Vis-à-vis da Serra, ergue-se sobranceiro ao rio, o mórro coroado pelo vulto imponente da cathedral, por onde descem as casas numa grande incerteza de equilibrio, que só a propria fragilidade lhes dá.

E' o Porto antigo, medieval, com os seus arcos e escadas a ensombrar as estreitas ruas contiguas ao cais da Ribeira, tão flagelado pelas inundações.

Quando da Régua dão o aviso — e anos há em que o rio sóbe uma dezena de metros sobre a estiagem, — cessa toda a navegação.

Centenares de pessoas, espectadoras infalíveis de scenas emocionantes, não deixam de acorrer diariamente à Ribeira, ainda sob a chuva incessante. E dia a dia, o rio surge mais impetuoso, transportando na corrente veloz os destroços de quanto se opõe á sua fúria.

Há sempre uma turba azafamada, transitando sobre pranchas oscilantes, da terra firme para os dominios da cheia, onde uma flotilha parece aguardar o transeunte.

Mas aos dias de chuva ininterrupta succedem os de sol resplandecente. O rio volta ao seu antigo leito, indo com elle as embarcações. E as tendas ambulantes de novo acorrem, pressurosas, ao mercado, — pobres tendas longo tempo errantes!

\*

\* \*

Nem só inundações, com o seu cortejo habitual de naufrágios, desmoronamentos e outros sucessos aterradores em que é particularmente fértil esta época, haveria a registar nesta breve crónica.

Realizaram-se alguns concertos e abriram-se várias exposições, tendo algumas alcançado um real êxito, sem o que, — bem hajam os artistas! — espíritos gentis se deixariam, sem reagir, empolgar pela neurastenia.

Referir-me-ei, no próximo número, porque foi um acontecimento digno de especial registo, à exposição de cristais do escultor francês Laligine, promovida pela joalharia Miranda.

*Branca Lopes.*



D Branca Lopes Martins, illustre professora electiva do liceu de Sampaio Bruno, escritora algarvia muito brilhante e Madrinha da «Alma Nova» no Porto.

ooo

A «Alma Nova» é representada no Porto pelo Eng. sr. A. Veloso de Araujo



MERENDA DOS CEIFEIROS, por Joaquim Lopes

Constituiu um dos maiores êxitos artísticos da quinzena que hoje finda, a exposição, realizada em Lisboa na Sociedade Nacional de Belas Artes, pelo notável artista portuense que firma o presente quadro, incontestavelmente um dos melhores, dentre os trabalhos expostos.

◦ ◦ ◦  
O «RAID» DO  
◦

A aviação espanhola acaba de reeditar o feito glorioso de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, com o seu esplêndido "raid" Espanha-Argentina, levado a efeito pelo Comandante Ramón Franco, tendo por companheiros o capitão Ruiz, o tenente Duran e o mecânico Rada.

Ramón Franco utilizou os processos e instrumentos inventados pelo nosso sábio aviador Almirante Gago Coutinho, para a sua travessia Lisboa-Rio.



Comandante Franco, cap. Ruiz, ten. Duran, e o mecânico Rada

◦ ◦ ◦  
«PLUS-ULTRA»  
◦

A nossa gravura representa os arrojados tripulantes do hidro-avião "Plus-Ultra", em que foi executada a formidável prova e que deve ter sido entregue pelos mesmos, no dia 8 do corrente, á República Argentina, como oferta da Espanha.

Nas unânimes saudações do mundo culto á aviação espanhola, por tão formoso feito, os nomes dos dois heroicos percursores das grandes rotas aéreas, Gago Coutinho e Sacadura, nunca foram esquecidos

# T E A T R O



UM SORRISO INGÊNULO DE AURA ABRANCHES

## COMO SORRIEM • AS • NOSSAS ACTRIZES...



Um sorriso franco de LAURA COSTA



Um sorriso triste de LINA RODRIGUES

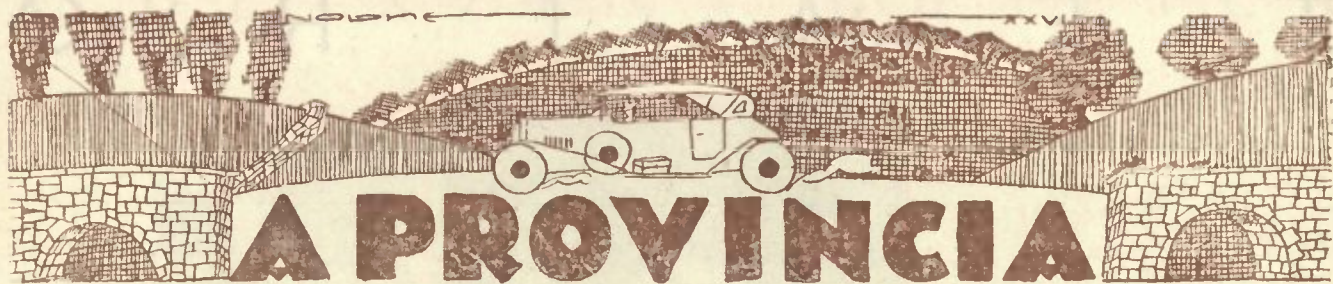
DUGAS disse um dia: "O riso é o homem". Nós diremos, parafraseando o velho Dugas: "O sorriso é a mulher". De facto, nada melhor do que um sorriso para nos fazer adivinhar a alma duma mulher que sorri. O sorriso é o melhor factor da diagnose psicológica, e como que um espelho, á flôr dos lábios, onde se retratam maravilhosamente a alegria, a ternura e a graça. O sorriso



LUÍSA SATANELA  
sorrindo de "magala" no «PÃO DE LÓ»  
(Desenho de Cunha Barros)

deline. E é por isso que em cada mulher o sorriso se reverte duma expressão diferente.

Apresentando a V. Ex.<sup>as</sup> o sorriso de algumas das nossas mais gentis actrizes, perante as quais nos descobrimos respeitosamente, queremos notar que ainda que uma ou outra pareça não ter sorrido deante do fotografo — não deixa, apesar de tudo, de o fazer deante do publico...



# AS CHAMINÉS DO ALGARVE

UMA das lindas coisas que no Algarve surpreendem o viajero, são as chaminés.

Ah, falar-vos dignamente das chaminés algarvias, seria escrever um poema em que as palavras fôsem ânforas derramando subtís essências por toda a harmonia do verbo, — cadência ondeante e fina onde esvoçassem arminhos, ao de leve, rendas bailassem, e as espumas se entretecessem em vólutas de fumo!

Levantaram-nas mãos de pedreiros anónimos, meus irmãos pagãos, — e dos seus dedos grosseiros elas brotaram ideais e caprichosas, como se ali andasse o requinte de ourives florentinos.

Modelou-as o povo obscuro em argamassa sagrada, com areias destas praias e pedras destes montes... As raízes dessa Arte, vem do âmago da Raça, da agarena alma do meu Gharb sensual, desdobrando-se nela, corporisada e florida.

Nossos olhos buscam as alturas em demanda das chaminés, e o sonho a todas dá figurações estranhas... Umaz vezes parecem azas brancas escalando o céu; outras vezes, quando fumam, á tardinha, na hora religiosa do crepúsculo, assemelham-se a incensários ricos; em noites de luar, todavia a impressão é mais forte: elas têm o misterio e o mavioso encanto de moiras rebuçadas, num scismar de romance...

Viageiro, detem teus olhos! Leva neles, para a tua saudade, a imagem daquela casinha humilde onde

deve esconder-se uma das princezas da Magia, pois doutra forma se não explica que em morada tão pobresinha se ale-vante aquela surpreendente gaiola de arabescos!

E aquel'outra tórre de gnomos? Has-de supôr, como eu, que a trama da sua filigrana oculta segredos sobrenaturais...

Repara neste escrínio trabalhado com o mimo dum sacrário... Naquelle túmulo sóbrio da Idade Medieval... Na clássica fantasia dest'outra janela gótica...

Olha em roda, farta teus olhos de prodígios: lanternas indianas, minaretes de Tanger, balaustradas, palácios, catedrais... Tudo as chaminés reproduzem para teu deslumbramento! As custódias portentosas, os pagodes da China, toda a imensidade infinita de combinações de linhas e de planos, desde a complicação do labirinto, ao resumo ingénuo da chaminé cubista, que parece um bloco de cartão!

Algumas estão morenas com os beijos do sol; outras tisnadas de fumo, e parecem de ébano.

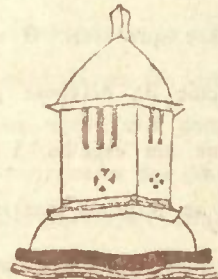
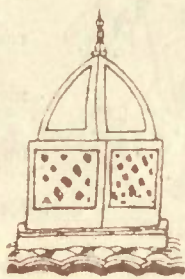
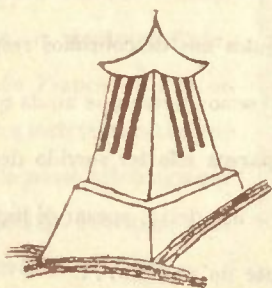
E não te espante, mirando-as, o contraste das construções modestas, viageiro do norte!

Os algarvios levantam suas casas assim, á pressa, um pouco tontamente, é bem verdade, mas apenas como pretexto para erguerem em face do mar azul, num alvorôço, a alada fantasia das chaminés que vês...

JOSÉ DIAS SANCHO



Uma humilde casinha do campo, com o sue brincado remate—a chominé (Apontamento de L. Maria P. Chaves)

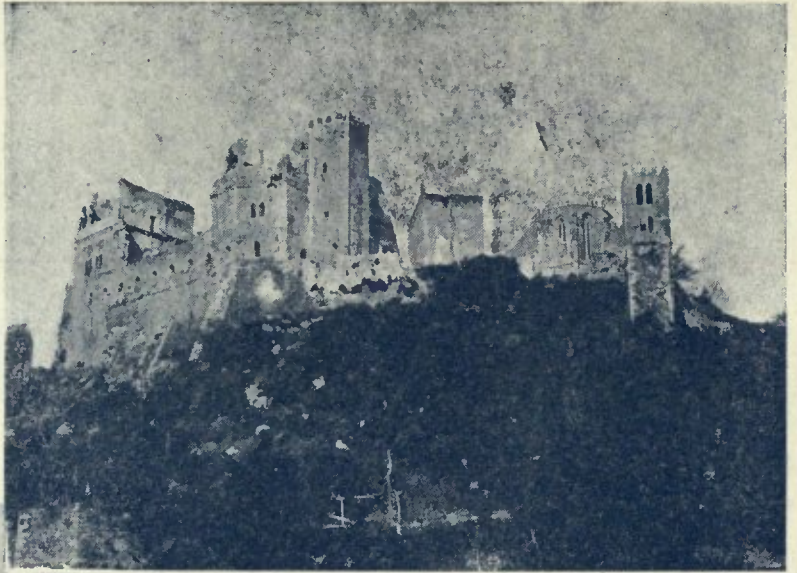


## O CASTELO DE LEIRIA

FOI a 10 de Dezembro de 1135, que Afonso Henriques lançou a primeira pedra para a fundação do Castelo de Leiria, que, segundo êle mesmo declara em documentos, edificou em sitio ermo e desabitado.

O fim desta construção era servir de atalaia avançada para reprimir as correrias dos sarracenos, que iam até próximo de Coimbra e de Montemor-o-Velho.

Em 1137, segundo a Crónica de Afonso 7.º de Leão, foi o Castelo tomado pelos sarrace-



O CASTELO DE LEIRIA — Visto geral

Desde então socegou, e só nas lutas civis por vezes figura. E' assim que nas lutas entre D. Sancho II e o Conde de Bolonha se manifesta Leiria, tomando o clero e o povo o partido dêste. D. Sancho manda avançar de Coimbra uma fôrça composta de grande número de fidalgos, dos mais considerados, mas o povo, saindo-lhes ao encontro, derrotou-os por completo, ficando mortos e cativos muitos dos nobres.

Daí proveio um ódio mortal do rei e seu valido, Martim Gil de Soverosa, contra os leirienses, aos quais perseguiram de morte onde quer que os encontrassem.

O castelo cede por fim á fôrça, em outro combate, para novamente defender a causa do Conde de Bolonha, ficando a fazer parte duma linha de fronteiras estabelecida entre os dois contendores, e que partindo de Montemor-o-Velho e Ourém, seguia por Leiria a Obidos.

No reinado de D. Diniz, Leiria secunda o filho, e como castigo manda o rei lavrador decepar e queimar nove dos principais no castelo. Mais tarde, como termo de lutas, juram aceitar as condições de paz—D. Diniz, no altar de S. Simão, em Leiria, e D. Afonso em Pombal, depois do [que se dirigiu a Leiria a reconciliar-se com o pai.

Neste castelo esteve preso o célebre cronista Peres Lopes Ayala, que assistiu á batalha de Aljubarrota. Aprisionado em Santarem para aqui veio transferido, sendo depois enviado para o castelo de Obidos.

\*

Tal é, em resumo, a história do castelo de Leiria, porque, passada esta época gloriosa, desapareceu a sua importância. No século XVII já o seu estado de ruina era grande e no meado do século XVIII, se diz, num auto de demarcação, que não valia a pena fazer o serviço, pois que só o templo de Nossa Senhora da Penha estava em bom estado, havendo da torre de Menagem só as paredes nuas.

Ultimamente, a propósito da consolidação das ruínas, tem-se feito uma obra de embelezamento das mesmas, contra o bom senso, a verdade histórica e os preceitos da arte.

*Tito de Sousa Larcher.*

(Fotografias do Ex.º Sr. Dr. Luís Corriço)



O CASTELO DE LEIRIA — Torre sineiro e Copelo-mór  
Fotografia tirada do interior do Castelo

mos e destruído, parecendo que assim se conservou até depois da batalha de Ourique, que se presume dada nas proximidades de Leiria, sendo então reedificado, para novamente ser destruído em 1140, tendo sido a sua guarnição em grande parte passada a fio de espada, conseguindo fugir o glorioso alcaide Peres Guterres.

Abandonado pelos conquistadores, de novo foi reedificado, provavelmente em 1142, ano em que foi dado foral a Leiria, mas em 1190 mais uma vez os sarracenos o destruíram e abandonaram, sendo então reedificado por D. Sancho I, que lhe deu novo foral, construindo-se nessa época a igreja de S. Pedro, que está na meia encosta.

P A G I N A

D E

# TRÁS -OS- MONTES



**S**OBRE Trás-os-Montes escreveu aqui, á precisamente três anos, ao tratar da mulher transmontana, o erudito etnógrafo sr. Luiz Chaves:

"Terra difícil. Pedras em escalões de Titans a tentar o céu. Serras nuas, como virgens a clamar em penitência as blandícias de Deus inclemente. Serras louças vestidas de urzes, que são em flor um jardim encantado; misturam-se nelas os fetos, o tojo, as margaças, nas sombras dos scutos e na aspereza dos carvalheiros. Relvedo nas almargens, verduras hortícolas nas belgas lavradias, castanheiros nas devezas a trepar as encostas, coroadas de capelo e borla pelos pinhais maciços. Rios, ora mansos nos vales de égloga das "Saudades", ora brutais entre os penedos rugosos, hirtos como impassíveis granadeiros da guarda, pelos quais a corrente se aperta em loucuras dolorosas de espartilhos. . .

"E' Trás-os-Montes. Trás-os-Montes de capelinhas brancas, que são faróis vigilantes, a alvejar nos cabeços; de cruzes à beira dos caminhos; de moinhos e açudes à margem dos rios, entre negrilhos e amieiros. Fé, trabalho."

Desta gloriosa provincia vai a "Alma Nova" ocupar-se de hoje em diante, em página especial, de todos os seus

números. Pela primeira vez uma publicação de Lisboa se propõe tratar assim aturada e desenvolvidamente duma provincia que parece ter caído no olvido da nação.

E' necessário, de facto, ativar o interesse não só dos trasmontanos, mas de todos os portugueses, pelo valor e belezas desta provincia.

A campanha agora iniciada pelos periódicos trasmontanos, a favor da organização das associações regionalistas da sua provincia, em Lisboa e Porto, não pode nem deve ser descurada. A indiferença e apatia até aqui existentes não tinham razão de ser, nem fundamento lógico. Quasi todas as provincias possuem hoje em Lisboa os seus órgãos e centros regionais de propaganda e defeza. Trás-os-Montes passa a ter aqui também o seu desde hoje.

E' muito pouco uma simples pagina quinzenal? Talvez. Mas saibam carinhosamente mantê-la os trasmontanos, e virão quanto o nosso tributo já será benéfico.

*M. Silva.*

E' representante fotografico da "Alma Nova" em Trás-os-Montes, o habilissimo fotografo de Vila Real, sr. Miguel Monteiro.

ooo

## MIGUEL MONTEIRO

(TRÁS-OS-MONTES) VILA REAL

RUA TRINTA E UM DE JANEIRO, 43

ooo

Correspondente das melhores fabricas estrangeiras de fototipias artisticas, tais como bilhetes postais com vistas, albums, panoramas de todos os formatos, estampas de qualquer espécie, etc.

Editor dos postais de Vila Real, reproduzindo os seus motivos históricos, as suas Avenidas, Fontes, Palácios e Castelos. A mais completa coleção até hoje editada.

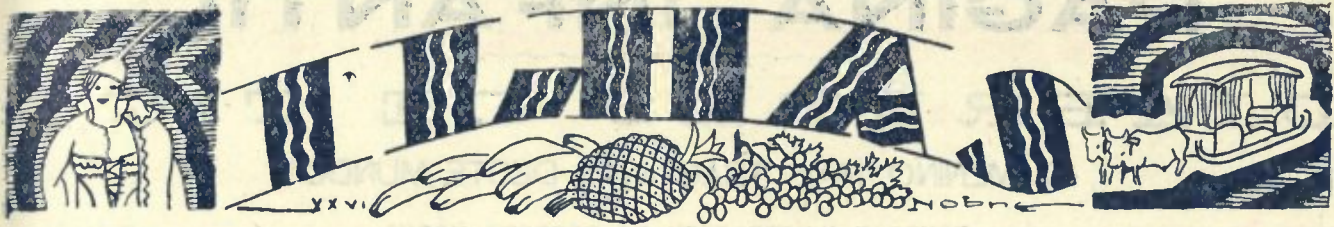
Encarrega-se de edições de vistas para qualquer terra do país, a preços vantajosos, executando também as respectivas fotografias para esse fim, com completos conhecimentos da arte.

[PEDIR ORÇAMENTOS

ooo



Dois aspectos da vida rural trasmontana: Em cima—A CEIFA DO CENTEIO; em baixo—A VINDIMA  
(Fotografias do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Miguel Monteiro)



## A Ç Ô R E S

A direcção desta revista confia-me a organização da *Página dos Açores* e é com prazer que aceito o encargo, a mim mesmo prometendo escrevê-la sempre com a mais absoluta independência, mesmo quando, nestas colunas, perpassem com o seu perfil ou as suas opiniões, alguns políticos da minha terra, mas só aqueles que compreendam ou defendam a *política açoriana*. E para que não se interprete a minha frase com sentido diverso do que lhe dou, direi que por *política açoriana* compreendo aquela boa política de interesse geral, política do povo e da terra, um e outra tão portugueses, e que ao lado de Portugal, de que são origem e continuação, devem colaborar estreitamente na obra de ressurgimento a que, pelo respeito aos nossos maiores e por amôr aos vindouros, não nos devemos negar.

### O PROBLEMA AÇORIANO

De vez em quando, principalmente pelo tempo das eleições, discute-se, mais ou menos apaixonadamente, o problema da *autonomia açoriana*.

É um problema que ainda não tem, nem terá tão cedo, a sua resolução, porque esse problema tem sido colocado e discutido tão confusamente, que nem todos os açorianos o encararam do mesmo modo, fazendo-lhe uns uma apologia demasiado sentimentalista, repelindo outros com exagerada violência.

Mas *autonomia açoriana* não quer dizer *independência*. Independência suporia renegação de Portugal—e os açorianos, pela lingua, pelo sangue e pelas tradições, são tão portugueses como os melhores portugueses das nossas provincias. Os açorianos precisam na realidade duma mais ampla autonomia administrativa—mas antes de tudo devem colocar esse problema com mais calma e com menos sentimentalismo.

Numa das próximas páginas consagradas aos Açores eu deixarei transcritas as opiniões do Dr. António Sardinha, o malogrado poeta e historiador, que a morte arrebatou em plena mocidade, e do Dr. Alvaro de Castro, figura política bastante conhecida, que há poucos meses, numa viagem á Ilha de S. Miguel, teve ocasião de estudar esse

problema e que do seu estudo fez uma conferência no *Theatro Micaelense* com bastante e justificado interesse.

As opiniões dos Drs. António Sardinha, integralista, e Alvaro de Castro, republicano, equilibram-se admiravelmente e pode-se dizer que uma é o complemento da outra.

### A INDÚSTRIA, A AGRICULTURA E O COMÉRCIO

Ilhas essencialmente agrícolas, as indústrias nos Açores tem-se desenvolvido a pouco e pouco, com uma arrastada lentidão.

As terras açorianas são férteis e de tudo produzem. Os seus gados constituem uma grande riqueza, e há pouco, na Ilha Terceira, iniciaram-se duas indústrias inerentes—a de cortumes de couros e a de leite condensado.

Esta última precisa apenas de maior reclamo, pois o leite do gado da Ilha Terceira é o mais rico em gorduras e o mais puro.

Na Ilha de S. Miguel é onde as indústrias estão mais ricamente desenvolvidas, como a do alcohol, a do açúcar, a do tabaco e a do chá.

A cultura do ananás, em estufas, contribuiu em muito para o enriquecimento da Ilha de S. Miguel.

Para mais fácil colocação de productos açorianos no estrangeiro, formou-se, graças á intelligencia e á energia de Cristiano Frazão Pacheco, uma companhia de navegação—*Carregadores Açorianos*—que, pela sua modelar administração, já possui quatro bons navios de carga.

### OS AÇORES E A LITERATURA PORTUGUESA

Nesta página inicial desejava falar dalguns nomes ilustres de escritores açorianos, que também o são de Portugal, como o doutor Gaspar Fructuoso, o historiador das *Saudades da Minha Terra*, Antero do Quental, Teófilo Braga, Sena Freitas, Camara Lima, Alfredo de Mesquita, Armando da Silva, Azevedo Neves e outros da geração nova. Mais de espaço deles falarei, porém, e bem assim dos seus artistas, como Ernesto do Canto e Domingos Rebelo.



REBELO DE BETTENCOURT  
NOSSO REPRESENTANTE DOS AÇORES  
(Desejo de Martinho da Fonseca)

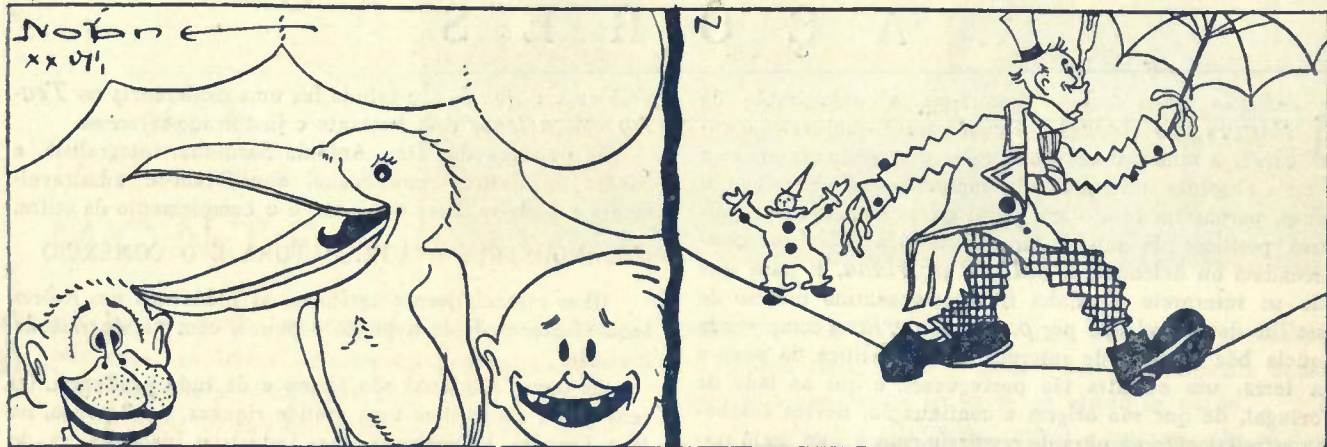
*Rebelo de Bettencourt.*

# PAGINA INFANTIL

## DIABRURAS DE TITO

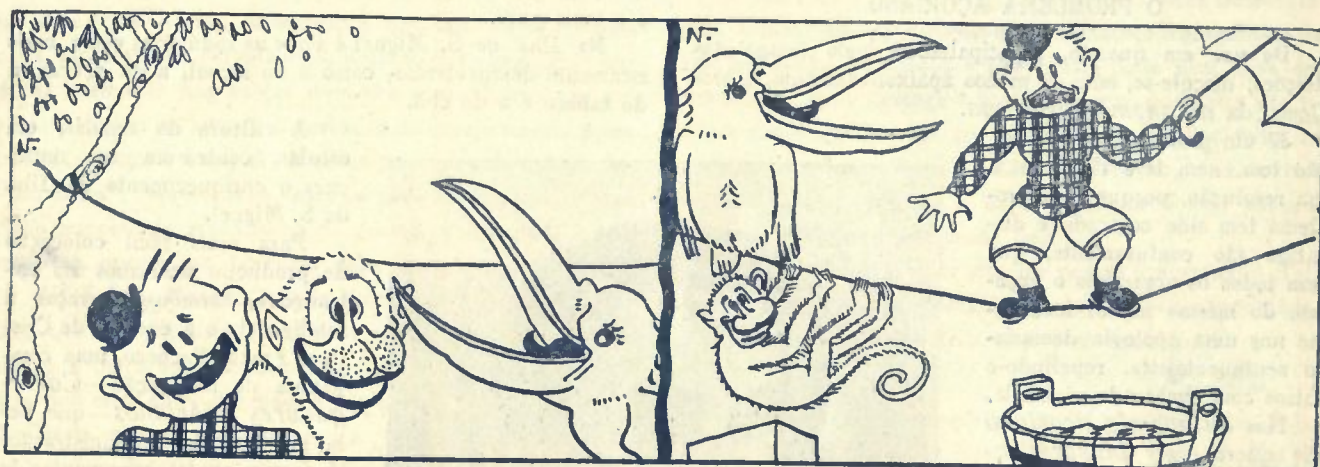
O MENINO MAIS TRAQUINAS DESTE MUNDO!

TEXTO E ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE



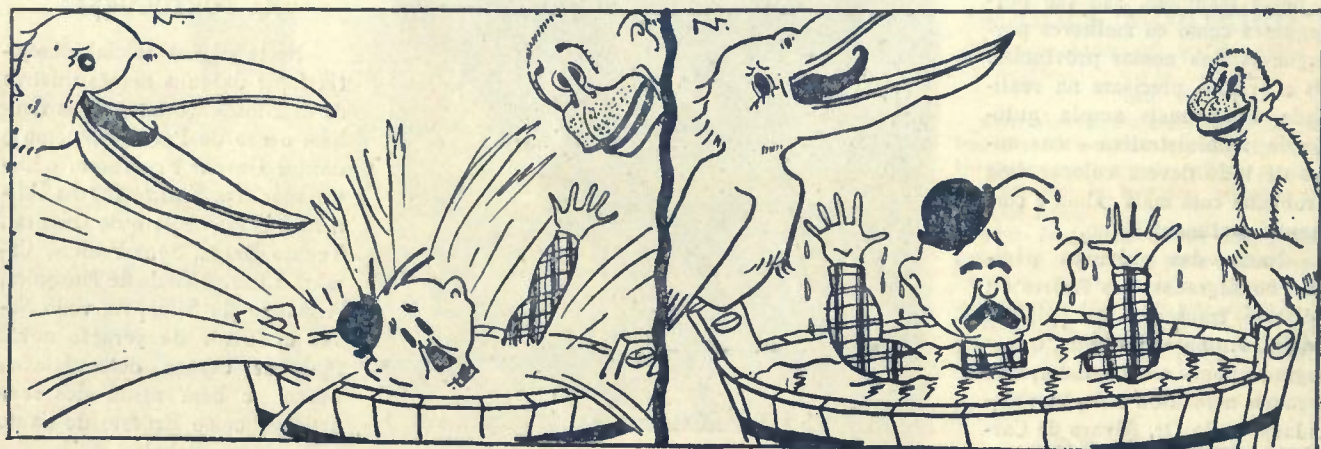
O Tito, que é um menino muito louca, tem por amigos a macaca "Zuca" e a "Pássara bisnau", que são tão loucas como ele.

Venda a Tita que na Caliseu as palhaças andavam no arame e sentida sempre vantade de laquejar...



...cambinou com as seus dois amigas fazer o mesmo na corda da seu quintal.

Ei-las na experiencia. Cada um trepou da sua maneira. O passaro poisou bem, o macaca agarrou-se com 4 mãos, mas a Tita é que estava bastante atrapalhada...



Nisto, truz, catrapuz! — Cai dentro da cêha d'água!

E ao verem-na erguer-se da tina, malhada que nem um patinha, a macaca e o "Pássara bisnau" riram, riram a bam rir. Tita recebeu assim a justa castiga da sua diabrura, na grande troça que lhe fizeram as bichos.

A MAIS  
MODERNA

A MAIS  
ELEGANTE

# ALMA NOVA

LEITURA AMENA  
E INSTRUCTIVA

A 1 E 15 DE CADA MÊS

PROFUSAMENTE ILUSTRADA COM FOTOGRA-  
FIAS, CARICATURAS E DESENHOS,  
REFERINDO OS PRINCIPAIS  
ACONTECIMENTOS  
DA QUINZE-  
NA

## ASSIGNATURAS

CONTINENTE E ILHAS :

TRIMESTRE . . . . . 8\$50  
SEMESTRE . . . . . 16\$00  
ANO . . . . . 30\$00

COLONIAS PORTUGUESAS :

SEMESTRE . . . . . 22\$00  
ANO . . . . . 40\$00

ESTRANGEIRO :

SEMESTRE . . . . . 30\$00  
ANO . . . . . 50\$00

(PAGAMENTO ADEANTADO)

NUMERO AVULSO 1\$50

TODO O ASSINANTE QUE NOS OBTIVER 5 NOVOS ASSINANTES  
TERÃO 50 % DE DESCONTO NA SUA ASSINATURA, O QUE NOS  
OBTIVER 10 RECEBERA' ASSINATURA GRATIS

NO PRÓXIMO NUMERO  
QUE SERÁ GRÁFICA E MATERIALMENTE  
MUITO MELHORADO

## REPORTAGENS SENSACIONAIS

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS  
263, RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 267  
LISBOA

A MAIS  
BARATA

A MAIS  
DIVULGADA

# CONSERVARIA LISBONENSE

FABRICA ELECTRO-MECANICA  
DE CONFEITARIA E CONSERVARIA

DE

**M**AURICIO  
BRANCO & <sup>DA</sup>  
SOARES **L.**

35, RUA DAS  
-- PEDRAS --  
NEGRAS, 37

TELEFONE ---  
--- C. 4226

LISBOA

FABRICO  
ESMERADO EM  
AMENDOAS, MAR-  
MELADA, FRUTAS  
COBERTAS  
E  
CRISTALISADAS  
E DOS  
AFAMADOS



REBUÇADOS DE FRUTAS E ALTEIA LISBONENSES

EXPORTAÇÃO PARA AS ILHAS, COLONIAS E ESTRANGEIRO

ENVIAM PARA TODA A PARTE CARTONAGENS FINAS  
DOS SEUS PRODUCTOS, PROPRIAS PARA BRINDES